

LITERATURA

ESCRITOR JETER NEVES

LUCIANA AMORMINO

Jeter Jaci Neves nasceu em 17 de junho de 1946, em Miradouro (MG). Aos 14 anos, mudou-se para Belo Horizonte, onde se graduou em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e Francesa. Fez pós-graduação no Uni-BH em Língua Portuguesa e é mestre em Lingüística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É professor nos cursos de Letras e Comunicação na PUC Minas e, eventualmente, leciona em cursos de pós-graduação da Escola Guignard (UEMG) e no UNI-BH.

Ao desenvolver uma escritura intertextual que interage com outros sistemas semióticos como o cinema e os quadrinhos, Jeter Neves vem mostrar que a forma é o que faz a diferença quando se trata de literatura. Essa proposta de experimentação tem marcado os trabalhos do escritor de Miradouro (MG), que adotou Belo Horizonte como sua cidade, por ser o lugar de trabalho, de amizades, da parte mais estruturada de sua formação literária, intelectual e profissional.

O caráter imagético dos textos que escreve - que pode ser sentido em contos fragmentados e flashes - advém de um retorno às referências da infância, como o cinema e os quadrinhos. Nesse período de sua vida, Jeter lia gibis e revistas como "O Cruzeiro", "Cinelândia", "Revista do Rádio", entre outras. Apesar de não ter tido muito contato com livros na infância - isso só viria a acontecer aos 14 anos, quando se mudaria para Belo Horizonte - os casos de assombração e de caçadas, contados por gente da roça, que ouvia na venda de seu pai, ajudaram a despertar nele o gosto por estórias. Tais narrativas orais, nas quais Minas Gerais é rica, acabaram por influenciar sua escrita. "De uma maneira ou de outra, transfiguradas ou não, essas estórias aparecem nos meus primeiros textos, sobretudo no livro 'Fratura Exposta'", afirma Jeter.

Quando tinha 14 anos, Jeter perdeu o pai em Muriaé. Ele, a mãe e dois irmãos foram, então, morar com a irmã em Belo Horizonte. Nessa fase, ele descobriu, nos livros, os amigos que não tinha na nova cidade. "Tive um período ruim de não-adaptação, de vontade de voltar, aquela idéia de que se havia perdido um paraíso que nunca existira. O livro era um amigo barato, não me cobrava nada, entretia-me, fazia viagens, dava-me poder", afirma Jeter.

Depois de algum tempo na nova cidade, Jeter encontrou um colega de escola que partilhava sua paixão por livros. O pai dele havia feito carreira como policial militar e tinha veleidades de escritor. Por esse motivo, montara em sua casa uma grande biblioteca, da qual Jeter usufruía com o amigo. Juntos, faziam planos de serem escritores. O amigo, no entanto, seguiu carreira militar como o pai, mas, segundo Jeter, ainda tem intenção de colocar em prática o sonho de escrever um livro.



LITERATURA

ESCRITOR JETER NEVES

LUCIANA AMORMINO

Fratura Exposta

Em 1978, Jeter escreveu três contos e os apresentou ao Concurso Nacional de Contos do Paraná, que era muito prestigiado naquela época, por haver premiado autores como Lygia Fagundes Teles e Rubem Fonseca. Esses contos viriam a compor seu primeiro livro, "Fratura Exposta". Jeter se inscreveu na categoria "Iniciante" e venceu o concurso, ganhando, como prêmio, a publicação de seus textos em uma coletânea. Um editor que havia lido os contos vencedores o convidou para publicar o livro inteiro. No entanto, Jeter não tinha nada além dos três contos para publicar. Por causa disso, ele passou mais seis anos escrevendo o restante dos contos que, hoje, compõem "Fratura Exposta". Assim, inscreveu o livro no concurso "Cidade de Belo Horizonte", não obtendo êxito. Algumas alterações foram feitas no livro e, em 1983, concorreu novamente e ganhou o prêmio.



No ano em que ganhou o concurso, Jeter lançou o livro "Fratura Exposta". Ele é um reflexo do cuidado com a experimentação com a forma à qual o autor se dedica. Para escrevê-lo, Jeter enfrentou alguns desafios. Primeiro, por ser um livro intencionalmente politizado, que trata de questões como a repressão política que o país vivia devido ao regime militar, na época em que foi escrito. Por essa característica, dependendo da maneira de abordar o tema, Jeter poderia incorrer no erro de fazer um livro panfletário ou memorialista, o que não era sua intenção. Assim, para fazer uma literatura de qualidade, com o momento político e social do país naquela época como pano de fundo, o autor optou por operar alguma intervenção que produzisse uma obra politicamente engajada, transcendendo, assim, a literatura, sem, contudo, sacrificar o trabalho formal do texto. Desse modo, nasceu "Fratura Exposta", um livro de contos que reúne experimentalismo e temática sócio-política.

Experimentando novas formas

Contos fragmentados, alto teor imagético. Essa experimentação de formas característica de sua escrita provém, segundo Jeter, de uma influência de Maiakowisk, poeta russo comunista que dizia não haver arte revolucionária sem forma revolucionária. Levando em consideração esse argumento, Jeter conseguiu, em "Fratura Exposta", compor uma obra politicamente engajada no seu tempo histórico, mas sem deixar de ser literatura. "Algumas pessoas mais formalistas tinham o desejo de criticar o livro dizendo que era datado, mas, ao mesmo tempo, sua proposta formal impedia que se dissesse isso dele", comenta o escritor. "Acho que fui feliz ao incorporar num discurso literário, outro sistema de significação, o que produz um efeito muito interessante. Acabei adotando essa maneira de fazer contos e, em 1996, em 'Quadros para um oratório', também escrevi nessa linha", destaca Jeter.

Segundo o autor, a experimentação formal é sempre seu objeto de traba-

LITERATURA

ESCRITOR JETER NEVES

LUCIANA AMORMINO

Iho, já que o que faz diferença na literatura é a maneira de dizer e não o que se diz. "Não atuo experimentalmente no plano da sintaxe, como Rosa fez, nem no plano do léxico, como Joyce; atuo mais no plano da macro-estrutura, na segmentação do texto e na composição de quadros com esses segmentos - como nos quadros de uma revista em quadrinhos", explica.

A forma diferente de escrever, com alta voltagem imagética, fez com que um professor de cinema da PUC Minas filmasse, com seus alunos, alguns segmentos de "A cidade como um verme", um dos contos de "Fratura Exposta". Ele é escrito no ritmo da cidade, cujo começo coincide com o fim. A cidade não pára, e essa alta velocidade permeia as linhas da estória. Além disso, o título é uma paródia à obra de um escritor uruguaio chamada "A cidade como um tigre", no qual dois militantes clandestinos fazem ações de guerrilha na madrugada de uma cidade. Os atos heróicos narrados nesse texto são desmontados por Jeter, que compara a cidade a um verme, sujo, feio e medonho.

Além de "Fratura Exposta", Jeter lançou também "A Língua da Serpente", em 1993. Para ele, esse livro foi seu momento de provação, já que se tratava de um romance experimental, o que não é uma tarefa simples e exige maior cuidado com verossimilhança, tempo da narração, enredo e articulação dos personagens. Embora o autor tenha enfrentado esses desafios ao escrever "A Língua da Serpente", o livro alcançou seu objetivo e reproduziu a forma experimental que o autor vinha criando nos contos. Posteriormente, em 1996, o autor ganhou, com o romance "Quadros para um oratório", o prêmio "Cidade de Belo Horizonte". Esse romance ainda não foi publicado e continua sendo trabalhado pelo autor, assim como outro, ainda sem nome definido.

O escritor por ele mesmo

"Acho que sou um trãnsfuga da literatura. Atualmente, o que de fato me agrada e fascina é a lingüística. Sou muito cético com a literatura no Brasil. Eu desacelerei enormemente. Hoje, tenho escrito na calada da noite, nos meus intervalos para relaxar. Retomo os textos, sem nenhuma aspiração como a que eu tinha quando do primeiro livro e do segundo. Acreditava que tinha ganhado o prêmio e teria espaço para publicar, mas a realidade é muito diferente. Encerrei essa fase ilusória em relação à literatura. Mas ainda escrevo obsessivamente. Se eu pegar o livro `Fratura Exposta` hoje, eu, certamente, vou mexer nele. Gosto mesmo é de mexer no texto, não de criar. Folha branca é apavorante. Esse diálogo entre sistemas de significação diferentes me atrai ainda, mas, hoje, tenho um olhar mais crítico. Antes, tinha um certo sentimento de mitificação das mídias, mas, hoje, vejo-as com mais distanciamento. Por um lado, vejo como são eficientes e fascinantes essas mídias, mas, ao mesmo tempo, como elas contribuem pouco para a formação crítica."